

Echos de Guimarães

SEMÁNARIO MONARCHEICO

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Administrador, Antonio Dantas

Redacção: Praça do S. Thlago

Administração: Rua de Payo Galvão, 70

Propriedade da Empreza

DOS

Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

O nosso jornal honra-se hoje com a prosa erudicta do nosso illustre collega, correligionario e patricio, Snr. Dr. Alfredo Pimenta.

O brilhante artigo que vai ler-se e que, com a devida venia, transcrevemos do nosso respeitavel collega «Diario Nacional» é, mais do que um artigo politico, um artigo doutrinario.

Nelle verá o leitor não o estuar das paixões de um sectario, mas o resultado da meditação e do estudo de um espirito reflectido e instruido.

Crentes de que o leitor applaudirá sem reservas a resolução que tomamos de lhe servir boa prosa alheia em lugar da nossa descolorida prosa que, tal como é, nos não conformamos em ver mal tratada por mãos ignaras e grosseiras, pedimos-lhe toda a atenção para o que vai ler e no deferimento do pedido achará a devida recompensa com o prazer espiritual que a leitura do substancioso e brilhante artigo lhe porporcionará:

Politica monarchica

Frisemos, antes de mais nada, que não ha, em Sciencia politica, doutrinas monarchicas e doutrinas republicanas. Empregar essas expressões é lançar mão de um abuso de linguagem que muito convem evitar. O que ha é um principio monarchico e um principio republicano: o primeiro baseia-se na hereditariedade das funcções; o segundo no seu caracter electivo—seja a eleição feita pelo suffragio universal ou restricto, como vulgarmente acontece, seja ella feita por quem exerce já as funcções politicas, como no caso da theoria positivista. Theoricamente, doutrinas monarchicas seriam as que fossem possíveis apenas em monarchia, como doutrinas republicanas seriam as possíveis só em republica. O que vemos, no entretanto, é que as mesmas doutrinas são possíveis nos dois regimens, d'onde concluimos que isso a que a intelligencia vulgar chama doutrinas monarchicas e doutrinas republicanas, é, scientificamente, um erro. Ha doutrinas conservadoras, doutrinas opportunistas e doutrinas radicaes—possíveis em qualquer dos regimens politicos actuaes. Mas o que contribue para a adopção do erro a que me referi, além da ignorancia, é a confusão a que levam os que querem inocular ao principio monarchico elementos do principio republicano, ou vice-versa. E por outro lado, na pratica, o principio monarchico inspirando certas soluções que lhe são sympathicas, e o principio republicano facilitando outras que lhe são favoraveis, levam á crença na existencia das doutrinas monarchicas e das doutrinas republicanas. Que o leitor passe em revista as mil e uma soluções dos mil e um problemas de ordem politica e social dos Estados modernos, e verá que ellas não são, theoreticamente, incompatíveis com os regimens.

Bismarck, na imperial Alemanha, foi, á parte a estatura mental, para com a Igreja catholica, na epocha do Kulturkampf, como o snr. Affonso Costa, para a mesma Igreja, na epocha do Governo Provisorio. Não vale a pena estar a multiplicar exemplos. O leitor, por sua conta e risco, terá o trabalho de os ver.

A Politica é, para as Sciencias sociaes, o que a Medicina é para a Biologia, pratica, applicação.

Fazer politica é applicar aos povos as theorias sociaes, as quaes se criam á custa dos ensinamentos de todas as sciencias anteriores, esclarecidos pelos depoimentos da Historia.

E' neste facto que reside a grande difficuldade em formular essas theorias e em comprehendel-as, e a pasmosa facilidade com que todo o fiel idiota arma em politico e dirigente dos povos. Se as sciencias são hypotheses em permanente substituição, sujeitas a permanentes correções, as sciencias sociaes, pela grande quantidade dos elementos que compõem os factos a que dizem respeito, são, nas suas conclusões, de uma contingencia, de uma relatividade sem calculo. Numericamente, as leis sociologicas são poucas. Mas se repararmos na complexidade dos phenomenos sociaes e na sua obscura contextura, devemos reconhecer que muito se tem andado, desde que nos principios do seculo XIX, um philosopho eminentemente corou a serie hierarchica nas sciencias.

A Politica, pois, é a arte de governar os povos. E governar os povos consiste em garantir-lhes a existencia, adaptando-os consecutivamente ás novas necessidades do meio ambiente. Em ultima analyse, governar os povos é isto.

Augusto Comte ensinou que a Ordem é a condição do Progresso, e que este não é mais do que o desenvolvimento d'aquella. Debate-se, hoje, muito, o que seja Progresso. Por isso eu, quando tentei definir politica, afastei da minha noção essa palavra. Progresso supõe ponto de partida e ponto de chegada; supõe estalão, medida, ponto de referencia. E encontrar tudo isso na vida social é problema muito cheio de difficuldades. Fiquemo-nos, pois, em que governar os povos é fazer-os viver, é collocar-os em condições de victoria na lucta pela vida, no *struggle* social.

E' por isso que um homem de governo não tem, não pode ter theorias pessoaes; as theorias pessoaes são para os philosophos, para os pensadores, para os sociologos. O homem de governo só pôde ter, no exercicio das suas funcções de governante, as theorias do meio em que vive e da epocha em que se encontra. Só assim serve a ordem, e a

missão do governante é servir a ordem, porque um povo só pôde viver na ordem. Manter a ordem social—eis o problema, eis o programma. Um povo compõe-se de multiplas forças antagonistas, e de multiplas interesses contrarios. Evitar o choque d'essas forças e d'esses interesses, e conduzir tudo isso a um ponto final, convergente,—isso constitue manter e servir a ordem social. Não governa, no legitimo, no scientifico significado do termo, quem se firmar numa classe para ir contra outra; governa quem se mantiver em equilibrio e em equilibrio as mantiver. Um povo é um systema de forças contrarias. Governar é encontrar o equilibrio d'essas forças. Não são as nosas theorias pessoaes, os nosos principios moraes que podem governar. Só pôde governar quem conseguit servir-se da media das ideias e dos sentimentos da nação.

A primeira condição exigivel a quem governa é a de que conheça a raça do povo a governar, para não cahir na infantilidade ou no absurdo de applicar ás raças germanicas o que é proprio das raças latinas, e vice-versa. Depois, sem paixões, sem pressas, sem preconceitos de seita, quem governa a nada mais deve aspirar que não seja *continuar* a obra do Passado. Governar não é *innovar*: é *continuar*. Progredir não é *saltar*: é *consolidar*. A historia social da nação presente, dia e noite, no espirito de quem governa, é o elemento essencial, fundamental, basililar na direcção da sua conducta politica. Um homem de governo não prepara revoluções: evita-as e, em ultimo caso, sofre-as. As revoluções são, na vida dos povos, o mesmo que as mutações bruscas de De Vries na vida biologica. Simplesmente, o homem de governo não deve lançar mão d'esses recursos perturbadores, pela impossibilidade averiguada de os dominar perfectamente em qualquer altura, e, mesmo nessa hypothese, de levar o seu dominio até ás suas consequências longinquoas. Uma revolução, isto é, uma perturbação realisada pelos elementos inferiores de um povo, é sempre fermento de anarchia que fica. E' por isso que insisto em dizer que *governar é continuar*, consolidando, fortalecendo. Qual dos regimens politicos serve melhor esta finalidade? A Monarchia? A Republica?

Os governos, para serem proficuos, para serem nacionaes, isto é, para servirem os interesses da Nação, precisam ter certas condições—que podemos reduzir a três: estabilidade, continuidade e homogeneidade. O regimen politico que seja capaz de dar governos mais estaveis, com maior continuidade, mais homogeneos, é o que está em melhores condições de ser adoptado, de ser preferido.

A instabilidade governativa é o peor dos males de que um Estado pôde soffrer. A instabilidade prejudica todas as instituições,—politicas, sociaes, militares, economicas, financeiras, religiosas, etc. E' preciso ainda que a funcção governativa seja continua, para que não fiquem em meio as soluções dos varios problemas, e é necessario que os órgãos dirigentes sejam homogeneos, para

que as discussões intestinas, os diferentes pontos de vista, não venham prejudicar o resultado final.

O principio monarchico baseia-se na hereditariedade; o principio republicano na eleição. O primeiro caracteriza-se pela maxima estabilidade; o segundo é instavel por natureza. Era isso o que me levava, quando cria adaptavel a Portugal o regimen republicano, a propôr a duração de dez annos para o periodo presidencial, na impossibilidade de o conseguir vitalicio.

Mas ha ainda outro aspecto que é urgente encarar desde já: o da aptidão governativa.

Capacidade governativa não é o mesmo, como se sabe, que aptidão governativa. Capacidade, pôde tel-a toda a gente. Aptidão, só poucos a teem. Para se ter capacidade governativa, basta haver intelligencia, cultura, bom-senso. Mas para se ter aptidão, não basta: ha alguma coisa que falta aos *capazes*, e só os *aptos* possuem: é o *habito* é a *familiaridade*, é um não sei quê que só logram ter os que nascem e vivem sempre no meio das funcções governativas. Quando essa aptidão é já um elemento domestico e passa á cathegoria de elemento hereditario, a familia em que ella apparece tem, sobre todas as outras, uma grande superioridade.

A transmissão hereditaria...

Alfredo Pimenta.

Thomaz Rocha dos Santos

Faz annos na quarta-feira proxima, o nosso antigo e illustrado redactor snr. Thomaz Rocha dos Santos, que nesta cidade, mercê do seu caracter, boas qualidades e fina educação, é altamente considerado e estimado.

Os *Echos de Guimarães*, saúdam S. Ex.ª e fazem ardentes votos pela sua felicidade.

A LIBERDADE

Como sabiamente diz Santo Thomaz de Aquino, o mais eminente philosopho da Idade Media e porventura de todos os tempos, a essencia da liberdade está na faculdade de escolher. Quem tiver a faculdade de escolher, é livre; quem a não tiver, não o é. Não ha ninguém que em boa razão possa contestar estes principios. São tão evidentes que não necessitam de demonstração. São verdadeiros axiomas. E a julgarmos por elles, já podemos saber qual é a liberdade que por ali apregoam em grandes vozes e com que nos querem brindar, como se fosse um insigne beneficio.

Como já dissemos, quem não pode escolher não é livre. Ora os nosos governantes no que mais se teem empenhado desde o famoso 5 d'outubro, é em tirar-nos a faculdade de escolher. Para elles o ideal do ensino está no laicalismo, na completa eliminação de toda a ideia religiosa nas escolas. Não se lhes levava a mal que tivessem este ideal, se é que o erro pôde ser um ideal, comtanto que ao lado da escola laica deixas-

sem abrir uma escola confessional. Isto é que era liberdade. Agora fazerem como fazem, obrigarem a todos os que queiram seguir uma carreira litteraria, a cursar a escola laica, é uma das piores tirannias, porque é a tirannia da consciencia.

Se estão convencidos de que no laicalismo é que está a razão, a justiça, a verdade, consintam em que se abram escolas religiosas, e unicamente pelo raciocinio e pela persuasão façam o vacuo em volta d'ellas; convençam sem importunações molestas nem violencias legais ou phisicas aos paes a que deixem concorrer os filhos ás suas escolas.

E o mesmo queria que fizessem com os hospitaes, asylos, hospicios e creches. Repugna-lhes que nos hospitaes haja capellães e serviço religioso? Fundem á sua custa hospitaes inteiramente laicos, em que não entre nem sombra de religião; mas deixem funcionar, segundo os estatutos antigos, os hospitaes existentes; e o povo que escolha aquelles em que deseja ser tratado nas suas doenças.

Não querem ter nenhuma crença religiosa; apraz-lhes mais viver como brutos? Ninguém lhes pede contas d'isso; mas não tentem obrigar os outros a viver do mesmo modo. Isto sim é liberdade: deixar aos outros a faculdade de escolher.

Como veem os meus leitores, não ha nada mais racional, mais justo, mais sensato que a doutrina que expendemos. O que se não admite, o que se não pode tolerar, é que todos os dias nos atroem os ouvidos com phrasas atroas á liberdade e que ao mesmo tempo nos forcem ou tentem forçar-nos a vivermos em contradicção com as nosas ideias. Querem forçar-nos a seguirmos o mesmo caminho que elles e proclamam-se cynicamente liberaes! Não, isso não é serio. Não abusem das palavras.

Agrada-lhes serem tirannos? Sejão-no muito embora; mastenham a coragem de o não disfarçar com palavras mentirosas. Falamos em nome do progresso e da sciencia e teem tão pouca confiança num e noutra que não os deixam operar pela sua propria efficacia; querem impô-los pela força bruta. Ora isto é a mais completa contradicção da liberdade.

P. A.

Rebuscando e deixando ao leitor o cuidado de comparar e commentar

Abro ao acaso, tão certo estou de achar sempre coisa que sirva «L'Avenement de Bonaparte», espelho em que a nossa querida republica se pôde vêr, e a pag. 232 do 2.º V. leio e traduzo:

Talleyrand consolidava a sua situação ainda por outros meios. O seu favor junto de Bonaparte não se fundava apenas nas suas raras qualidades d'espirito, e na facilidade maravilhosa com que traduzia em linguagem de chancellaria e em formulas delicadamente amaciadas um pensamento ousado.

Em um governo de *parvenus*,—passe o francesismo por não ter em portuguez equivalente, a não ser no gallicismo *arrivista*—

elle impunha-se por uma impassibilidade que nada alterava e pelas suas maneiras de gran-senhor. Com uma despreocupada impudencia fazia aceitar os seus vicios e os seus escandalosos costumes, a sua ligação com M.^o Grand, que instalou no proprio ministerio como dona da casa, os seus negocios de bolsa, a sua notoria venalidade, as suas immensas necessidades de dinheiro, o seu luxo, porque tudo nelle se cobria de um vernis de alta elegancia, e das graças do espirito.

A sua palavra era fina e colorida alternativamente acariciadora e mordente. Nelle, a baixesa do caracter salvava-se pela insolencia do espirito. Se lisongeava, era como um cortejo de nascença, com facilidade, com esquisitos refinamentos. O seu jogo era fazer crer a Bonaparte que amava nelle menos a sua fortuna e os seus triumphos, do que a sua pessoa, e que estava possuido pelo heroe d'uma dedicação quasi terna; a Bonaparte, já isolado na sua grandeza elle tratava de dar a illusão de se sentir estimado por elle.

Depois, era o intermediario com a antiga sociedade, com os grandes nomes, para os quaes Napoleão se inclinava por uma vaidosa fraqueza. Talleyrand tinha rompido com o seu partido sem romper com a sua sociedade; elle estava antes afastado do que demitido.

Os salões não lhe fecharam as portas; elle prestava muitos serviços aos que lá encontrava, posto que fosse o primeiro a crivar d'epigramas os seus prejuizos, as suas illusões e a sua credulidade.

Em politica, os seus gostos occupavam o lugar de principio. Este homem desenfreado nos seus desejos e nas suas necessidades, capaz de fria ferocidade quando o seu interesse estava em jogo tinha naturalmente o maior senso pratico e o mais lucido raciocinio. Os excessos revolucionarios chocavam-no como uma falta contra o bom gosto, como uma enorme e inutil imbecilidade, o que o obrigava a dizer: *tudo o que é exagerado é insignificante.*

Quando lhe pareceu que já não havia grande necessidade de se acanalhar e que podia afoitar-se contra os jacobinos, elle provia nos logares dos seus adversarios os moderados da Constituinte, e da Legislativa, que tinham maneiras, e o ar das antigas classes dirigentes, sem ter as suas paixões. Ninguém mais do que elle se interessava em manter certos resultados da revolução, mas repugnava-lhe conserva-lhe as formas.

etc.

PIOS SURDOS

Para cada um piar conforme o seu caco lh'o permittir.

Entrevista do Director do «Times» com o nosso collega Joaquim Leitão:

«Sir John Walter nada pode dizer sobre se a nossa cooperação militar será desejada ou estimada em Inglaterra; é assumpto da exclusiva competencia dos estados maiores francez e inglez, porém quanto á maneira como a nossa attitud é apreciada em Inglaterra, eis a sua resposta reflectida e que de certo fará reflectir muita gente:

«—A Inglaterra segue com muita attenção o que se passa em Portugal. A nossa colonia do Porto, e a de Lisboa, estreitou sempre entre os dois paizes relações commerciaes. Mas sobretudo ha a alliança, a velha alliança. E' como que o fundo do quadro da nossa politica; a alliança está no cerebro da Inglaterra numa especie de estado subconsciente. De sorte, que os assumptos portu-

gueses sempre nos interessam. Mas Portugal é hoje o problema talvez mais importante da politica internacional ingleza. Foi visto com muito agrado o unanime apoio que aos alliados deram todos os partidos e a que não faltou o Senhor D. Manuel. Não sei se terei observado bem, porque para nós, inglezes, a politica portugueza é sempre... um... mysterio. Parece-me que ha muito pessoalismo... — *E esboçou um gesto de quem quer significar o espectáculo de uma desordem*—... como nós em Inglaterra, temos os partidos muito nitidamente demarcados por principios que são quasi abysmos, custa-nos a comprehender... Ao fim de umas semanas, acabamos por entender alguma coisa, mas no primeiro momento não se percebe nada. Por isso não sei... mas parece-me que o pouzo de germanofillismo que se diz ter havido em Portugal a principio era... menos sympathia pelos allemães do que uma questão de politica interna.»

O que porém o jornalista entende perfeitamente e com elle a Inglaterra é o seguinte:

«— *Creia que a attitud de El-Rei D. Manuel e as suas instrucções são d'uma tão alevantada obnegação patriótica que lhe garantem o respeito da Europa.*»

De fórma que os monarchicos reduzidos numa outra entrevista de fresca data a categoria de seres microscopicos, ressaltam agora engrandecidos pela bocca do director do Times, na pessoa d'El-Rei D. Manuel! Voltas que o mundo dá.

As palavras de Sir John Walter definem bem o caracter do povo inglez—sempre reflectido e ponderado... e sempre cheio de confiança na Providencia, o que muito deve ter admirado os nossos supino-intellectuaes.

Do nosso prezado collega Echos da Raia:

«*Pia de pedra de 600 litros, vende-se no Centro Dr. Affonso Costa, á praça da Corujeira. Para tratar, rua de S. Roque da Lameira, 747.*»

Vinha dirigido aos redactores dos «Echos da Raia» e não trazia o pedido de tornar publico porque os democraticos não gostam de pedir favores a catholicos, a não ser o voto para alguma confraria, mas via-se que havia desejo de que o facto se divulgasse.

E nós que somos sempre tudo amabilidades para democraticos satisfazemos assim o desejo não manifestado do auctor da lembrança e concluímos:—E' certa a scisão no partido democratico.

Porquê? perguntarão os leitores. Ora porquê? Porque a logica não é uma batata e se a pia se vende é porque os... socios faltaram.

A direcção do Centro Affonso Costa não vendeu a pia enquanto tinha... gente para ella.

Ha pia demais? E' que a... gente da pia diminuiu e se vão constituir novas pias com os... socios da pia velha.»

Os «livres-pansadores» e os regicidas

De «O Dia»:

«O Congresso do Livre-Pansamento agora reunido em Lisboa no anniversario da republica — e ao qual, diga-se de passagem assistiram dois livres-pansadores hespanhoes vindos de proposito aqui —foi em tomagem ás campas dos regicidas Buica e Costa. E ali em nome d'elle falou o livre-pansador João Machado Toledo de cujo discurso se publicaram hoje extractos de que recortamos, para edificação das gentes e para honra da união sagrada, este abominavel trecho que faz arrepios e dispensa commentarios:

«*Enalteceu a obra dos dois heroes que sacrificaram stoi-*

camente as proprias vidas, para, supprimindo um bandido, salvarem a Patria das garras d'elle e do outro tão bom como elle.

A historia ha-de fazer-lhes justiça como nós aqui lh'a fazemos.

No fim foram todos pensados em liberdade.

De «O Dia»:

«Contava-se hoje no Chiado este caso engraçado:

Ha poucos dias o snt. general Pereira d'Eça foi prevenir o regedor d'uma das freguezias onde está acampada a 1.^a divisão de que no dia seguinte se fariam tiros reaes não devendo, portanto, estar a gente do sitio no campo do tiro para se evitar qualquer incidente funesto.

O regedor ficou a parafusar no caso e decidiu que tiros reaes tinham qualquer coisa de *subversivo*: e então affixou um aviso na freguezia prevenindo o povo de que no dia immediato haveria no campo tiros nacionaes.

E foi tal a curiosidade que no dia seguinte o acampamento estava cheio de povo, que desejava assistir aos tiros nacionaes, espectáculo que ainda não vira!

Tableau!

Osorio em acção

Telegrammas expedidos pelo chefe do districto

«O snt. governador civil expediu ante-hontem os seguintes telegrammas:

«Ex.^{mo} Presidente da Republica. Lisboa—Em nome Districto Porto envio V. Ex.^a saudação mais calorosa pelo sexto anniversario proclamação Republica, fazendo veementos votos pelas prosperidades da patria portugueza e saudo V. Ex.^a—(a) governador civil.»

«Ex.^{mo} Presidente Ministerio—Lisboa—Districto Porto sauda calorosamente na illustre pessoa de V. Ex.^a governo nacional da Republica e faz ardentes votos para que na hora difficil que atravessamos seja sem hesitações nem fraquezas o executor do pensar e sentir da alma portugueza que deseja ver Portugal ao lado das nações alliadas a defender a Liberdade, o Direito e a Justiça.—(a) governador civil.»

Leotte

«Diz um jornal democratico do Porto que o snt. Leotte do Rego é

«a mais alta sentinella da Marinha Portugueza, postada no Tejo.»

E é por ser tão alta que não vê quem semeia as minas na barra.

Do «Seculo»:

«A voragem das obras do Estado absorve annualmente muitos contos de réis arrancados ao contribuinte, que os paga com sacrificio, e que são distrahidos de uma applicação honesta para servirem interesses illicitos. E não é já só o que se gasta com um numero pessoal tecnico que sobrecarrega as obras do Estado, tornando-as de um preço exagerrado; são os proprios materiaes que apparecem adquiridos 50 por cento mais caro do que o seu preço normal, e isto para metter no bolso dos fornecedores e dos empregados publicos, que facilitam o negocio, os 50 por cento que são cobrados a mais.»

Lê-se no Diario de Noticias de ha dias:

«*Federação Nacional dos Grupos de Defesa da Republica*

São convidados todos os delegados dos grupos federados a comparecer na proxima quinta-

feira na calçada do Combro, 38-A, 2.^o, pelas 21 horas, a fim de reunir-se a assembleia federal e resolver assumptos de interesse para a Republica!!!!»

Os pontos de admiração são nossos.

Convite a paleografos officiaes:

«Apparecem frequentemente, na censura postal, longas cartas, cuja leitura, por vezes difficil, força a uma demora sempre desagradavel e não raro prejudicial.

Para obviar a este inconveniente, recommenda-se aos interessados que se limitem, na sua correspondencia, ao indispensavel e escrevam em caligraphia intelligivel, não mettendo as cartas em sobrescriptos forrados, cujo exame retarda um pouco o serviço.»

Uma carta

Minha boa amiga:

Assisti no dia 30 de setembro aos ultimos arrancos da epocha balnear da Povoia.

O acaso quiz que eu presenciasse aquella desolação.

A Junqueira que a minha boa amiga viu tão movimentada pareceu-me uma das solitarias ruas da Pompeia devastada.

A' beira mar algumas, poucas, ciancinhas, de perna nua e vestidos arregaçados na cintura, commemoravam a alegria das tardes passadas de agosto.

Nas barracas, abandonadas como tendas de caravana nos areaes do deserto, vi pouco mais de meia dezena de senhoras pensativas e olhar vagueando sobre o mar despedindo-se d'elle até!... quem sabe?!!

Aquellas tardes de beira-mar que nós conhecemos com tanta animação e tanta vida, onde senhoras gentis passeavam a sua mocidade vaporosa como as nuvens que ensombrevam o sol posto, vestidos brancos como cisnes, olhares vivos—às vezes afogados em espessas camadas de pó de arroz, mas quasi sempre fulgurando numa cara linda de mulher como estrelas em noite serena, tudo desapareceu, deixando lugar a uma solidão enervadora, capaz de fazer, mesmo de mim, um neurasthenico,

No entanto o sol côr de fogo lá caminhava a mergulhar-se no oceano, jogando cores, desde o brilhante puro ao amarelo afogueado, tomando formas bizarras e despedindo labaredas de luz que incendiavam o mar tranquilo e manso na sua maré alta, até desaparecer afogado num mar de oiro naquela linda tarde do triste despedir de setembro e sem ninguém, ninguém que sentisse aquelle espectáculo sublime!

As gentis francezinhas que no Lusitano encantavam, mais pela alegria dos seus sorrisos abertos do que pela afinação dos instrumentos que tangiam... *went away*...

Occupa o seu lugar um pianista inexperiente que acompanha o desafinado canto duma feia mulher nascida em terras de Hespanha.

No Chinez a costumada desafinação de sempre.

Sabe a minha boa amiga que fui assistir á ultima matinée da epocha no Universal?

O Miguel Alves lá estava naquelle seu costumado *aplomb*, tirando, nas rasgadissimas arcadas do seu violino, aquellos dulcissimos sons tão nossos conhecidos. Acompanhavam-no agora, ao piano, o Manoel Figueiredo, que substituiu o Benjamin Gouveia e no violoncello o Teixeira Lopes —um excellent artista—que veio occupar o lugar do Vianninha, que trocou o violoncello pelas correias do 6 de infantaria,

Mas sabe que me pareceu que os instrumentos já não tinham o mesmo timbre? Pois é verdade. E' que elles tambem tem as suas saudades!

Lá se foram todos nessa mesma noite. Apesar de não serem comprehendidos e tocarem quasi sempre ás moscas, aquelles excellentes artistas levaram saudades. Não as teve tambem?

Pois se assistisse áquella ultima sessão e visse aquelle desfazer de feira, não levaria tanto pezar como levou.

Quando formos velhinhos, pensei eu, e um dia assistirmos a uma noite de festa nos cafés da praia, devem ser semelhantes a estas as sensações que experimentaremos.

Creia-me sempre dedicado,

A REPUBLICA

(TRAD. DE A. D.)

(Continuação)

Os effeitos da desaparição da virtude civica, e das virtudes que são os elementos e a condição d'ella, contêm-se no seguinte quadro, que é, ao mesmo tempo, uma analyse psychologica, e em que Montesquieu se revela tão profundo moralista como politico penetrante:

Quando a virtude civica cessa, a ambição entra nos corações que podem recebel-a, e a avareza (avidez, paixão dos despojos) entra em todos. Os desejos mudam de objecto: o que amavamos, já não o amamos; eramos livres com leis, queremos ser livres para nos oppormos a ellas; o que era maxima, chama-se rigor; o que era rigor, chama-se incommodo; o que era respeito chama-se temor. A frugalidade é que é avareza (que se chama avareza) e não o desejo de ter. Antigamente, os bens dos particulares constituíam o thesoiro publico; mas, nesse tempo, o thesoiro publico era patrimonio dos particulares. A republica é um despojo, (o Estado é uma presa de que se disputam os bocados. Montesquieu lembra-se da phrase de Racine: «O Imperio já não é o despojo de um senhor», isto é, o Imperio já não é presa de que um senhor se aproprie e monopolize, para a destructura) e a sua força não é mais que o poder de alguns cidadãos e a licença de todos.

Segue-se d'ahi que nada ha mais importante numa republica, e especialmente numa republica democratica, do que a educação. A educação é muito naturalmente conforme á natureza do governo e aos principios do regimen. Num Estado despótico, terá por objecto o temor; num Estado monarchico, as honras; e num Estado republicano, a virtude.

Num Estado despótico, só se trata de fazer homens obedientes.

Ora, a extrema obediencia suppõe ignorancia no que obedece, e até no que manda. Este nada tem que deliberar, nada tem de que duvidar e nada tem que discutir; só tem que querer... A educação nos Estados despoticos reduz-se pois a introduzir-se o temor no coração e a ministrar ao espirito o conhecimento de alguns principios muito simples de religião. Nelles o saber será perigoso, a emulação, funesta; e, quanto ás virtudes, Aristoteles não pode crer que haja alguma propria dos escravos, o que limitaria muito a educação neste governo.

Nas monarchias, que não são despoticas, ha três educações: a que se recebe dos paes, a que se recebe dos protectores, e a que se recebe do mundo, sendo esta quasi contraria ás duas primeiras, mas a verdadeira.

Não é nos edificios publicos, em que se instrue a infancia, que, na monarchia, se recebe a principal educação; é quando se entra no mundo que a educação começa.

O mundo é a escola do que se chama a honra, esse mestre universal que deve guiar-nos por toda a parte. E' nelle que se ouve sempre dizer três coisas: «que devemos pôr nas virtudes uma certa nobreza, nos costumes, uma certa franqueza, e nas maneiras, uma certa polidez». A honra tem regras supremas, e a educação é obrigada a conformar-se com ellas.

A principal consiste em nos ser permittido fazer caso da nossa fortuna,

mas ser-nos absolutamente prohibido fazer algum da nossa vida.

A segunda é que, uma vez collocados num lugar, nada devemos fazer nem admitir que mostre sermos inferiores a esse lugar. A terceira, que as coisas prohibidas pela honra são mais rigorosamente prohibidas quando as leis não concorrem para as prescrever; e que as que ella exige, são mais fortemente exigidas quando as leis não as ordenam.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DOS TRABALHADORES DA IMPRENSA

Da digna Direcção d'esta prestante Associação recebemos a circular que passamos a transcrever e a que damos o nosso mais franco e decidido apoio, não só pela justiça da causa que defende, como também pelos sagrados deveres de solidariedade a que por nenhum principio devemos nem queremos faltar.

«Pelos extractos dos jornaes de Lisboa de 5 do corrente mez, já certamente V. Ex.^a terá conhecimento da reunião magna da Imprensa de Lisboa, realisada na noite de 4, na sede da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, afim de convenientemente ser discutida a gravissima e alarmante situação em que se encontra a imprensa do paiz por motivo da carestia do papel e pela forma deprimente como é feita a censura aos jornaes.

Com orgulho podemos asseverar que foi esta a mais importante reunião da imprensa realisada em Lisboa, porquanto 15 directores de jornaes á ella assistiram não contando com cerca de 100 jornalistas, que deram o seu apoio formal ás resoluções tomadas.

Foi por fim approvada por unanimidade a seguinte proposta:

- 1.º Reclamar do Governo a isenção immediata da franquia postal para todos os jornaes.
- 2.º Reclamar do Governo: a revisão da lei da censura jornalística accetando para esse fim a collaboração d'uma comissão saída d'esta assembleia. Essa revisão deverá ser feita encarando immediatamente os interesses de ordem publica, perfeitamente caracterizados assim;
- 3.º Que o Governo intervenha junto da industria papelreira para impedir os aumentos constantes dos preços dos papeis; que por uma comissão em que entrem membros do Governo, da referida industria e de delegados das classes interessadas seja feito um rigoroso estudo da situação das fabricas, e vista a forma de se pôr em pratica o estabelecimento do preço fixo do papel durante um periodo nunca inferior a um anno, correspondendo a esta obrigação tomada pela industria, outra que os consumidores assumirão de consumir durante esse periodo o papel porque ficam responsáveis.
- 4.º Declarar-se a classe em sessão permanente, continuando os trabalhos logo que a mesa o entenda opportuno.
- 5.º Solicitar a adhesão de toda a imprensa do paiz, e em especial do Porto, para as deliberações tomadas na sessão de 4 de outubro.
- 6.º Que a comissão eleita para dar cumprimento a esta proposta se entenda com as varias commissões já eleitas ou que venham a eleger-se, afim de todas em conjunto se occuparem do caminho a seguir junto das instancias superiores e isto como ultimo recurso.
- 7.º Que esta proposta seja apresentada ao Governo com a maior brevidade.

Em conformidade com as reso-

luções acima, em que figura o pedido de adhesão não só da imprensa do Porto, bem como de todo o paiz, vimos encarecidamente rogar a V. Ex.^a o seu apoio, afim de que possamos junto do Governo, mais uma vez e como ultimo recurso, apresentar as reclamações que constam da referida proposta.

Rogamos a V. Ex.^a a fineza de enviar-nos a sua adhesão, o que agradecemos.

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 6 de outubro de 1916.

A Direcção,

Accacio Pereira
Alvaro Neves
Carlos Mascarenhas Barata
Luiz Sande Junior
José Joaquim d'Almeida.»

SECÇÃO AGRICOLA

Catecismo Agrícola

(Conclusão)

Higiene

Tambem o lavrador precisa conhecer umas coisinhas simples de hygiene. A botica fica longe e, enquanto não chega o medico e o remedio da pharmacia, tens, deves ter, nas tuas terras cousa que vá... tendo mão e, olha:

O eucalypto—é arvore que hoje nenhum lavrador deve dispensar.

Se Raspaial, o grande medico dos nossos avós, o tivesse conhecido, tinha dispensado a camphora, pois que, o eucalypto, tem um grande numero das propriedades melhores da camphora, que hoje está cara.

Do eucalypto, fazem-se mobílias e vasilhas, que têm a grande vantagem de não serem atacadas por bicho que a damnificam.

Mas, olha lá:

—Sentes-te constipado?

Vaes a um eucalypto e cortas-lhe dois ramitos: mettes meia duzia de folhas no bolso e, de bocado a bocado, vae cheirando, tomando o aroma: aperta mesmo a folha entre os dedos e vae cheirando sempre e, ao fim de meia hora, sentes allivio e ao fim de um dia, se a constipação está no principio, ficas curado.

Os tuberculosos, em principios da doença podem sentir grandes melhoras com o uso d'este desinfectante.

—Suaste, andando, e bebeste agua fria?

Cheira as folhas d'eucalypto e prevenirás a constipação estando, assim, armado contra ella.

Se entrares em casa d'um tuberculoso e cheirares folhas de eucalypto, não serás facilmente contaminado.

Diz-se, e eu creio, que o eucalypto muito tem saneado os logares pantanosos, reduzindo os casos de sezões ou maleitas.

Ouvi e li que infecções intestinaes e inflamação de bocca e garganta se curam, as primeiras, com irrigações ou clysteres de agua fervida com folhas de eucalypto e, as segundas, com gargarejos e bochechos.

Planta eucalyptos, lavrador!

A maçã. E' digestiva e desinfectante dos intestinos. O chá de casca de maçã é saborosissimo, alimentar e desinfectante da garganta e intestinos.

As cascas de maçã devem-se aproveitar. Sêccas, para chás e, queimadas em brazeiro, dão um excellent aroma ás casas.

O limão é outro fructo precioso. Gargarejando com summo de limão em casos que as amígdalas (cAMPAINHAS) estão enfartadas, é cura certa em muitos casos. Os chás de cascas de limão são estomacae e agradabilissimos.

Desinfectante. Todo o lavrador deve ter em sua casa uma garrafa

com permanganato de potassa, para desinfectar golpes ou feridas.

Vae á botica e compra 20 reis de permanganato que deitas numa garrafa enchendo-a, depois, com agua. Basculha, agita ou meche bem, o que tudo é o mesmo, arrolha e deixa ficar. Assim, terás uma agua concentrada de cor vermelha escura, muito caustica, que queima e corta:—

Não faças uso d'ella assim forte. Guarda-a em lugar onde não vão creanças e põe na garrafa um rótulo para que não haja enganões que podem ser fataes.

Precisas de desinfectar um golpe ou uma ferida qualquer? Deita, numa bacia, malga ou prato, um pouco d'agua fervida e por cima umas gottas de permanganato da garrafa, até que a agua fique com cor levemente avermelhada e, com essa agua, lava a ferida ou golpe tantas vezes quantas precisares.

Em casos de doença é bom lavar os vasos de cama (bacios) com uma solução de permanganato. Deitado nas sentinas tira todo o mau cheiro. No tratamento de doenças dos animaes, lava as mãos em agua de permanganato.

A agua fervida com folhas d'eucalypto tambem dá resultados bons.

—As folhas de tomate, sêccas, postas de infusão, são aconselhadas em casos de retenção de urinas.

—A herva de Santa Maria, em chá, é applicada para combater os vermes intestinaes e, tambem, como laxante.

Os vermes são a causa de muitas doenças e da morte de muitas creanças e velhos.

E' preciso combater os vermes. Ha em todas as pharmacias «vermifugo» em frasquinhos.

Procura sempre ser limpo da alma e do corpo.

Não te chegues ao lume quando molhado ou tiritante de frio: pode ser a tua morte.

Banha-te, pelo menos, de mez a mez.

Não faças uso da aguardente.

De manhã, uma fatia de pão com um pouco de mel, dá calôr, força e saude.

Ahi ficam, lavrador amigo, nestes nove artigos da *Folha da Manhã*, os meus pobres conhecimentos: umas ideias geraes que me pareceram de applicação facil e util.

Se ahi achares alguma coisa de proveitosa e util usa-a com confiança e seguro de que não és enganado.

Se em nada crês-te, nada faças porque, para descrentes só o exemplo á vista e, este, observa-o primeiro naquelles que confiaram no que aqui lêram.

Aqui finda a minha novena rezada pro-Lavrador.

Albino Leite.

Passatempo de um ocioso

(Migalhas de litteratura nossa e alheia)

Balsamo ou Veneno?

(RECITATIVO)

XVI

Nunca me hão de esquecer aquellas palavras de Castilho, que vinham na Selecta de Moreira e Correia: «A leitura, meus amigos!... Sabeis vós bem o que é a leitura?! é de todas as artes a que menos custa, e a que mais rende».

E é isso tambem que o nosso professor nos está a prégar a cada passo. Elle não quer lá mandriões, e marca-nos até muitos trechos para ler em casa, a ver se assim contrahimos esse habito da leitura, que tantos beneficios nos acarreta.

Apesar de novo, eu já sei por experiencia quanto ella vale. Allivia a memoria, faz-nos esquecer pensamentos, que nos podem ser

nocivos, e quando o livro é bom—e só d'estes é que devemos ler—augmenta-se quasi insensivelmente o cabedal dos nossos conhecimentos, ficando archivados e armazenados cá dentro para o tumulto e para as difficuldades da vida, bellos exemplos de moral, biographias dos nossos heroicos capitães d'outras eras, mil descrições interessantes sobre as artes e sobre a industria.

Ah! como é bom saber ler! Sabendo ler, a gente até faz muito bem aos outros, e é assim que eu já tenho muitos e bons amigos na pessoa de muitos cá da terra, que têm os filhos no Brazil, e não sabem ler. Coitados! Mal recebem as cartas, vêm logo ter commigo, e lê-se-lhes nos olhos a satisfação com que ouvem novas do filho estremeado.

Que larga provisão de conhecimentos não podemos ainda fazer nas longas noites de inverno, lendo á lareira, para todos, bellos livros recheiados de coisas uteis ou de encantadoras narrativas moaes! E' assim que eu faço lá em em casa; e aquella leitura faz tanta impressão, que os meus irmãos mais novos, ao comer, ao passeiar, até quando brincamos, lembram muitas vezes as lições dadas por aquelle incomparavel mestre—que é o bom livro.

Sim, o bom. Que o mau é peste damninha, em que nunca devemos pôr os olhos, é fogo que escaalda e requeima, é inferno que devora em vida.

E por isso cá o rapaz, fiquem todos sabendo, jurou nunca pôr os olhos nesses hediondos livros... Não gosto de veneno, quero balsamo.

EXPEDIENTE

Com o presente n.º vence-se o 1.º semestre do 3.º anno do nosso semanario. Rogamos a todos os snrs. assignantes que ainda o não pagaram, a subida fineza de o fazerem com a possivel brevidade, obstando assim que accumulamos sacrificios pecuniarios com aquelles que derivam do trabalho penoso e de verdadeiro sacrificio intellectual que a preparação do jornal, na hora presente, nos occasiona.

E' preciso que todos se convençam que hoje não se fazem jornaes com a mira em lucros. E se, em grande parte, se sustentam, é mais pela necessidade que ha da existencia de um baluarte que diga ao povo as coisas como ellas são e muitas vezes para não ficarem sem pão os modestos obreiros que da imprensa fazem a sua profissão.

NOTICIARIO

Para Tancos

A's 4 horas de terça-feira, saiu do quartel do Proposto o 1.º batalhão do regimento de infantaria 20, mobilizado para ir receber instrução em Tancos.

Dirigiu-se pela via ordinária, á vila de Famalicão, onde, pelas 23,39 horas se fez o embarque em combóio especial.

Assistiram á partida das tropas mobilizadas milhares de pessoas, vendo-se as ruas do trajecto e janelas dos prédios apinhadas de povo.

Escola Commercial Pereira de Sousa Do Porto

Largo do Coronel Pasheco

Recebemos d'esta conceituada Escola um exemplar dos seus estatutos, em que a par das informações que por sua conta e em seu interesse fornece, insere as opiniões dos nossos mais illustrados e importantes collegas portuenses, de cuja sinceridade não podemos duvidar, e todos concordem em exaltar as maravilhas da escola, quer pela sua esplendida installação, quer pela excellencia do methodo usado.

Não duvidamos pois em o recommendar a todos aquelles que desejando industrial-se na alta escripturação commercial d'aqui partam a instruir-se nessa difficil arte.

Director do correio

Depois de 60 dias de ausencia por motivo de doença, reassume hoje a chefia da Estação Telegrapho-postal d'esta cidade o snr. Annibal das Neves Coelho.

«Vimaranense»

Completo um anno de existencia este nosso presado collega local.

Felicitemo-lo.]

AGRADECIMENTO

A Direcção da Sociedade Martins Sarmento, intimamente pehorada para com todas as pessoas que se dignaram concorrer á Missa de 30.º dia que mandou celebrar na Igreja da V. O. T. de S. Domingos em suffragio da alma do ultimo dos seus socios iniciadores e grande benemerito—Domingos Leite de Castro—vem, assim, testemunhar o seu immenso reconhecimento.

A Direcção.

VENDE-SE

O Palacete Minotes, sito no Largo das Lamellas, onde está funcionando o Collegio do snr. Padre José Maria da Silva.

Para tratar com o snr. João Alves Pimenta, solicitador, na Praça de S. Thiago, d'esta cidade.

3.000\$000 REIS

Dão-se a juros, sobre hypotheca.

Para esclarecimentos, fallar com o proprietario da Typographia Minerva Vimaranense, Rua de Paio Galvão, 70.

Cosinha de Ferro. Estantes para estabelecimento de Mercaria e ceriaes.

Portas com vidraça—tudo em estado de novo

Vendem-se.

Pipas avinhadas. Garrafas vasias em bom estado

Compram-se.

Benjamim de Mattos

Toural, 105—Guimarães.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á

Papelaria e Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o.

Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o.

Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o.

Em brochura 100 réis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides à Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:

Avulso, franco de porte. 30 réis
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros commetidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

«Portugal Filatelico»

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 reis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «especimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracção: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

O que todos devem saber

Revista semanal illustrada

Director: FRANCISCO DE ALMEIDA

Auctor do Diccionario das Seis Linguas

BASES DA PUBLICAÇÃO

O que todos devem saber sahirá todas as semanas, em 8 paginas de texto acompanhadas de uma pagina artistica impressa em papel couché

ASSIGNATURA

Paga no acto da entrega

Numero avulso 40 rs.
Tomo de 32 paginas 100 "

Paga adeantadamente

Por anno—52 n.^{os} formando um volume de 416 pag. 1\$500 rs.
Por semestre—26 n.^{os} 800 "
Por trimestre—13 n.^{os} 450 "

Não se enviam quaesquer exemplares, nem se tomam assignaturas que não venham acompanhadas da sua importancia, afim de evitar embaraços ao serviço da administração

ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Como vantagem proporcionada aos assignantes, a Empreza facilitar-lhes-ha gratuitamente os preços de machinas, ferramentas e productos de qualquer genero que na publicação forem annunciados por fabricantes e constructores, quer nacionaes quer estrangeiros. Da mesma forma responderá ás consultas que se lhe dirijam relativas a assumptos geraes, e encarregar-se-ha da compra de machinas, appparelhos, instrumentos, etc., portuguezes e estrangeiros, devendo as suas importancias ser antecipadamente remetidas em vale do correio.

Na rubrica—CORRESPONDENCIA—estará em relação com todos os seus assignantes e leitores

Redacção e Administração

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135—LISBOA

Editores: ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD.

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por ANTONIO SARDINHA

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

- A Verdade Portugueza
- A hypothese do Homo Europæus
- O genio occidental
- O espirito da Atlantida
- A theoria da Nacionalidade
- Integralismo Lusitano

Um volume de 210 paginas em bom papel, grande formato, 600 reis

Accresce o porte do correio, 50 reis

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida
Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos
Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30

Indemnizações pagas, Esc. 301.265\$34

SEDE SOCIAL

LARGO DE CÂMÕES, 11 LISBOA

NESTA CIDADE—O çonsoçio Antonio Luiz da Silva Dantas.
Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infalível contra a caspa. Desconto aos revendedores.
RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos preçios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.^a e João Reynaldo, Coutinho & C.^a; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica

Qual é a fórmula da Terra?

POR

Mariotte

O livrinho "Qual é a fórmula da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova collecção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da fórmula do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o sumario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III O achatamento terrestre

O problema do achatamento po, ar posto pelas theorias de Newton e pelas obser-vações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV A fórmula da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrifuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geoido.

V Theoria tetraedrica da fórmula Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tre-mores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$000 "
Paizes da União Postal	2\$500 "
Numero avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciais, para os ars. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de] Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesse R. Payo Galvão—Guimarães. Pelo correio 65 rs.

Echos de Guimarães

III Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

N.º 26

Ex.^{mo} Snr.